



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12876 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

Quando a matéria importa: re/pensando o currículo com o feminismo neo-material

Viviane Viana de Souza - COLÉGIO PEDRO II E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Quando a matéria importa: re/pensando o currículo com o feminismo neo-material

Resumo

Este trabalho teórico dialoga com a produção das teorias feministas e suas contribuições para re/configurar o campo do currículo, defendendo que as proposições conceituais feministas como desestabilizações éticas para um currículo responsivo à diferença. Para tal, faço um desenho do campo do currículo primeiramente em lentes pós-estruturais, para então para uma abordagem Neo-material com Karen Barad (2007). Na intra-ação com uma metodologia difrativa, por fim proponho uma escrita-experimento para re/pensar discurso-materialmente o currículo, ao utilizar as provocações teóricas baradianas, em um outro corte agencial, em que como materializamos o que importa no mundo, importa.

Palavras-chave: Currículo; feminismo; neo-materialismo; corpo

Introdução

Nas pesquisas educacionais brasileiras, especialmente no campo do currículo, nas duas últimas décadas muitas autoras têm se aproximado do pós-estruturalismo a fim de complexificar as relações entre escola, conhecimento, aprendizado, avaliação, etc. Para Alice Lopes: “trata-se de uma teoria que busca o risco de teorizar sobre o imprevisto e o contingente, de-sedimentar certezas, reativar possibilidades desconsideradas” (2015, p. 120). Considerando então o currículo não somente em seu sentido prescritivo, mas também em um sentido produtivo, olhá-lo como processo de significação na escola, existindo não só nos documentos normativos, mas co-criado pelas diversas relações, afetos, acontecimentos e agentes que fazem parte e atravessam esse território.

Neste texto meu desejo é dialogar com a produção das teorias feministas e suas contribuições para re/configurar o campo do currículo, defendendo que as proposições conceituais feministas são desestabilizações éticas para um currículo responsivo à diferença, achatado, sem transcendência e neutralidade. Meu convite é passar a ver o currículo como campo comprometido com uma responsividade radical à alteridade – humana, não-humana, mais-que-humana – assumindo que cada uma de nós participa da co-criação do mundo e da produção discursiva-material do currículo. Para tal, me aproximo de um desenho do campo junto ao pós-estruturalismo e a partir das lentes neomateriais de Karen Barad (2007), proponho uma escrita-experimento para re/pensar discurso-materialmente o currículo, ao utilizar as provocações teóricas baradianas, em um outro corte agencial, em que como materializamos o que importa no mundo, importa¹.

Difratando o currículo

Ao longo dos tempos, o currículo tem se configurado como campo em constante mutação e disputa quanto a suas definições e funções, desde o sentido prescritivo e hegemônico de Ralph Tyler (1949) - e aqui dando um salto temporal proposital – passando pela reconceitualização de William Pinar (1975), dadas suas diferentes posições teóricas e abordagens, a questão do conhecimento sempre esteve em seu cerne. Como, o que e para que ensinar são perguntas que assombram curriculistas, seja em relação a uma crise identitária a ser superada, como defende Michael Yong, ou ao se contrapor ou se afastar dessas pretensas ‘funções’ curriculares, como no caso das abordagens pós-estruturais que propõem um vazio normativo (LOPES, 2017).

Na elaboração da performatividade corporificada e plural de Judith Butler (2018), as inscrições e interpelações do outro, não só nos produzem, mas também informam os modos vividos de corporificação das atribuições de gênero, uma fantasia ao mesmo tempo formada pelos outros e parte da nossa formação, e é nessa constituição relacional discursiva, mas também corporificada, que vamos nos constituindo enquanto sujeitos generificados.

Tomado como algo em processo, não fechado, que se constitui na relação com os outros, o currículo não é algo, mas está sempre sendo. Contudo, a objetificação do currículo e a reminiscência de um humanismo no foco no discurso como linguagem, são críticas que o neomaterialismo fará ao pós-estruturalismo, e, portanto, a uma abordagem pós-estruturalista do currículo.

A aproximação com a metodologia difrativa de Barad (2007, p. 25), não só nos afasta da ideia de uma verdade única e universal, de conhecimento verdadeiro, pressupostos colonialistas que verticalizam a teorização, a ciência e nossa produção curricular, mas põe em suspensão a própria ideia de currículo como algo que existe fora de nós. A conversa com Barad me permite abraçar a noção que o currículo não é, mas ele emerge no ato de materialização nos fazeres que o constituem (TAYLOR, 2019).

A partir de Barad é possível corporificar um movimento na produção teórica, construir uma discussão dialogando com diversas teorias, mas deslocando fronteiras. Para Barad, “difração envolve a leitura de percepções umas das outras de maneiras que ajudam a iluminar as diferenças à medida que elas surgem: como diferenças diferentes são feitas, o que é excluído e como essas exclusões importam [/materializam-se]” (2007 p. 30). Teorizar, como experimentar, é uma prática material. (p. 55)

Descentrar o conhecimento e a teorização do humano, reconhecendo a agência material que coparticipa do nosso estar-sendo no mundo, perturba a normatividade da continuidade e nos faz prestar mais atenção ao que geralmente não perceberíamos. Uma responsividade ao outro, a uma alteridade não só humana, mas mais-que-humana-não-humana. Como o clima, as

carteiras, o quadro, imagens, livros, uniformes, risos, espaços, corredores e sinais de que anunciam o recreio participam das práticas curriculares e suas significações?

Junto a Karen Barad, convido a cocriar ‘uma’ possibilidade de perspectiva de currículo que chama a alteridade para dançar. Acredito que nessa alteridade radical, que abrange os afetamentos humanos, não-humanos e mais-que-humanos, em que a ideia de normalidade universal e referencial do homem, branco, cisgênero, hétero e sem deficiência seja implodida.

Difratando o neo-materialismo

Em seus quinze anos de materialização-discursiva do livro de Karen Barad, suas chaves conceituais têm ecoado em alguns países anglófonos, e aqui no Brasil, contam com poucas traduções e trabalhos, em especial em educação e currículo. Assim a seguir passearei por alguns conceitos e contextualização para ao final do artigo pensarmos possibilidades de currículo feminista em um corte agencial neomaterial.

Matter na língua inglesa tem significações múltiplas: o substantivo matéria, o advérbio assunto e o verbo importar, e ao afirmar seu interesse em pesquisar “*how matter comes to matter*” Barad coloca em suspensão a importância da matéria, a materialização do assunto e da matéria, ambiguidade intraduzível em português, mas também indefinível na escrita e na fala, nos recordando da *differance* de Derrida.

O realismo agencial proposto por Karen Barad e demais pesquisadoras em um punhado de países do norte global, é um conjunto de práticas tecno-científicas entre outras que levam a sério visões feministas, antirracistas, pós-estruturalistas, queer, marxistas e advindas dos science studies, erigindo-se a partir das visões de autoras/es de diferentes campos teóricos tradicionalmente vistos como distantes, como Niels Bohr, Judith Butler, Michel Foucault, Donna Haraway, Vicki Kirby, Joseph Rouse e outras/os (BARAD, 2017).

Agência tomada pelas difrações neomaterialistas não é exclusividade da ação humana, repensada em uma abertura radicalmente ética e relacional. Não somos indivíduos autônomos se relacionando com os demais seres, em uma relação que pressupõe a pré-existência de entes independentes, mas só existimos na com/através/na intra-ação com as dimensões humanas e não-humanas (e mais que humanas) do mundo. Re/pensar a agência e o indivíduo implicam mudanças no paradigma de como entendemos a ciência e o conhecimento.

Desse modo, não só a barreira entre nós e o mundo é quebrada, mas também a própria percepção que temos de nós e do que chamamos de conhecimento, as materialidades seriam como desdobramento de agências, e estas não restritas somente ao humano. Para Barad, antes de entrar em relação, os fenômenos simplesmente não existem; são ontologicamente indeterminados. Nesse sentido, as intra-ações podem ser compreendidas como práticas de enfronteiramento, em que as fronteiras que separam os fenômenos são (re)formadas à medida que as relações são (re)negociadas (2007, p. 29).

A ideia de intra-ação expande não só a ideia de o discurso afetar a matéria, mas da materialidade agir no próprio momento da tentativa de apreensão pela linguagem. Desse modo, é possível pensar em uma teorização discursiva-material pensando em um currículo que existe na intra-ação, indeterminado e indecível, no rastro e na distância. Discussão esta que impacta também a ideia do representacionalismo, de que um conhecedor que delinea o que é representado, ao que chamamos de conhecimento, cumprindo “uma função mediadora entre entidades que existem independentemente” (BARAD, 2017, p. 10).

Na fricção com o nemoaterialismo, conceitos e ideias não seriam apreensões representacionalistas, mas uma espécie de corte-agencial. Isto é, conceitos seriam também

aparatos físicos que no momento mesmo em que são acionados, intra-agem e re/configuram o mundo. “‘Conceitos” (que são arranjos físicos reais) e “coisas” não têm fronteiras, propriedades, ou significados determinados para além de suas mútuas intra-ações” (BARAD, 2017), um novo enquadramento epistemológico que coloca em questão os dualismos cartesianos de objeto/sujeito, conhecedor/conhecido, natureza/cultura e palavra/mundo.

Abertura radical a todas as formas de agência, cria novas possibilidades de pesquisa e teorização curricular, em especial ao pensarmos o currículo como aparato generificado, admitindo que todas as formas de vida, inclusive as inanimadas, agem e teorizam (BARAD, 2012). Podemos pensar na agência dos hormônios, maquiagem, emoções, instalações físicas, móveis, brinquedos, assim palavras e ideias são agentes que participam ativamente da nossa corporificação do/no mundo, que possuem também sua própria historicidade. Para além da questão de como o corpo se posiciona e se situa no mundo, está a questão de como os corpos se constituem junto-com-o-mundo, ou melhor, como “parte” do mundo (BARAD, 2007, p. 160).

Considerações finais

Para mim, o maior desafio dessa tentativa de trazer as principais provocações feministas neomateriais para re/pensar o currículo é tomar o texto como fenômeno, criado a partir da intra-ação entre meu corpo, palavras, textos, idiomas, zeros e uns na tela de um computador. Dançar com as limitações do texto, da materialidade/virtualidade da escrita, como se fosse música, em que ondas sonoras, gestos e palavras acontecem em superposição, em difração. Aqui, necessariamente preciso falar de uma coisa de cada vez, trilhando uns caminhos e não outros, nos enfrontamentos próprios do léxico baradiano, curricularista e físico.

A abertura neomaterial ao emaranhado de fenômenos que nos constituem, em nosso estar-sendo no/com o mundo contribui enormemente para uma abordagem do currículo como espaço generificado de enfrontamentos. A aceitação de que corpos humanos e não-humanos são parceiros iguais e emaranhados e co-constitutivos na produção de conhecimento é o que torna o neomaterialismo tão potencialmente importante para os estudos curriculares, “é também essa aceitação que distingue o novo materialismo das “viradas” culturais anteriores, (Taylor, 2019, p. 39).

Como um fazer material-discursivo, o realismo agencial oferece a possibilidade de transformar o currículo de um “objeto” que parece existir “fora”, antes ou de alguma forma “além” de nós, em um processo intra-ativo criativo e emergente no qual nós (estudantes-professoras-conhecimentos-paredes-tintas-cadernos...) tenho uma co/participação. Além disso, pensar e fazer currículo como um prática discursiva-material, emaranhado, significa contestar a ideia de que ele é algo em que devemos enfiar conteúdos, como se os conteúdos estivessem estranhamente dissociados do processo de sua re/configuração.

Na tentativa de re/pensar possibilidades de futuros outros para o currículo, olhá-lo menos como aparato que normatiza e estabiliza o conhecimento, e mais como dispositivo como prática em aberto (BARAD, 2017, p. 21) que, ao depender do nosso corte-agencial, abra ou feche fendas no próprio acontecimento da teorização-fenômeno. Nesse sentido, o realismo agencial possibilita uma (re)consideração das relações que potencializam outros arranjos particulares da realidade, uma “responsabiliza-ação ética e uma especulação sobre o que poderia ser; todos os quais estão abertos a contínua (re)negociação (PASLEY, 508, p. 508). Afinal, como diz Barad, “fronteiras não param quietas” (BARAD, 2017, p.21)

Referências

- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. *Vazantes*, v. 01, n. 01, 2017.
- _____. On touching-the inhuman that therefore I am. *Differences*, v. 23, n. 3, p. 206–223, 2012.
- _____. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2007.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*; tradução Rogério Bettoni. 1. ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021
- _____. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. trad. Fernanda Miguens; ver. Técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- LOPES, Alice C. Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento radical. In: Alice Casimiro Lopes; Daniel de Mendonça. (Org.). *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, pp. 117-147.
- _____; MACEDO, Elizabeth F. *Teorias de Currículo*. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio Faperj.
- PASLEY, And (2021). The effects of agential realism on sex research, intersexuality and education, *Sex Education*, 21:5, pp. 504-518
- TAYLOR, Carol. Diffracting the curriculum: putting ‘new’ material feminism to work to reconfigure knowledge-making practices in undergraduate higher education. in M Tight & J Huisman (eds), *Theory and Method in Higher Education Research*. London: Emerald GroupPublishing Ltd., 2019, v. 5, pp. 37-52.

[1](#) O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.